

Cadernos de estágio

# Retornando a partir do Estágio Supervisionado I em História e a formação docente

Paulo Ricardo Vicente da Silva <sup>1</sup>

## Informações

1 paulo.vicente2@academico.ufpb.br

## Como citar este texto

SILVA, Paulo Ricardo Vicente da. Retornando a partir do Estágio Supervisionado I em História e a formação docente. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 2, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n2ID40152](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n2ID40152).



Cde

Volume 7, N2

Julho - Dezembro

Submetido em: 09 de Maio de 2025

Publicado em: 04 de Novembro de 2025

ISSN: 2763-6488

## Caracterização e primeiras impressões da escola

A referida escola está localizada no centro da cidade, e sua construção remete a pelo menos 40 anos atrás, sendo gestada pelo governo municipal, antes situado em outra cidade, quando a cidade ainda não tinha alcançado a sua emancipação política, se constituindo, assim, como a única da cidade a fornecer Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), abarcando a modalidade EJA, assim como também o próprio Ensino Fundamental I (do 1º ao 5º ano). Essa é a maior escola em número de estudantes matriculados no município, tendo feito parte da história da maioria das crianças, adolescentes e adultos que a procuraram ao longo de sua existência. Muitas foram as reformas que essa escola passou ao longo de sua história, no sentido de manutenção estrutural, tendo em vista que é uma escola bastante antiga e tradicional em relação à sua arquitetura e recursos internos. Em uma de suas últimas reformas, acho que a mais significativa até hoje, eles implementaram ar-condicionado. Para uma maior eficácia deste aparelho, a escola fechou todas as paredes e janelas das salas, deixando apenas aberturas com vidros, vedando-as na parte de cima da parede, acredito que pela entrada de luz.

Antes, existia um banco no pátio da escola, que é onde também se encontra

a cantina, onde os estudantes recebem as suas refeições diárias, que são 3, uma na parte da manhã, para os estudantes da manhã, uma na parte da tarde, para os da tarde, e outra pela noite, para os estudantes do EJA, sendo o cardápio variado. Esse banco funcionava como um ponto de encontro, e onde também eles se acomodavam para comer sentados. Ele não existe mais e, agora, foi posto no lugar um pequeno local com plantas. Agora eles precisam procurar outros locais para realizar as suas refeições e servir como esse ponto de encontro que mencionei, onde rolava interatividade e se relacionavam entre si.

Apesar de identificados alguns problemas estruturais, em contraponto, a escola dispõe de uma quadra bastante ampla e bem estruturada, onde se realizam os principais eventos da escola e até externos, como religiosos e políticos. E aí que se dão as aulas práticas de Educação Física. Existem salas reservadas para os professores, direção, secretaria e para a psicóloga que realiza atendimentos na escola. Todas são climatizadas. Entrei em quase todas, exceto a da psicóloga, que me recepcionou muito bem. Ficou evidente que a escola carece um pouco no sentido de prover os materiais, por vezes necessários para a realização de uma aula, bem como em disponibilizar pessoas que possam efetivamente viabilizar a produção desses materiais (como a impressão de conteúdos). Os livros didáticos de história também são

limitados e, ao mesmo tempo, são muito usuais, sendo necessário, muitas vezes, a formação de grupos para o seu uso em sala de aula. Como não existem projetores disponíveis para que os professores façam uso nas suas aulas, eles geralmente escrevem o conteúdo a ser trabalhado no quadro branco, com caneta. O que foi um desafio que se mostrou para mim, tanto no momento da aula que eu dei, quanto também pensando no futuro, quando eu exercerei de fato a profissão.

A escola dispõe de salas de aula para estudantes do 6º ano ao 8º ano, e também para os demais estudantes do fundamental I (do 1º ao 5º ano). No turno da tarde, essas salas de aula são exclusivamente usadas pelos estudantes do fundamental II e, pela noite, os do EJA. Nesse estágio, participei de aulas do 6º, 7º e 8º ano, majoritariamente no turno da manhã, muito voltadas para as turmas do 6º ano. A menor turma dentre todas é uma do 6º ano. Ainda assim, as maiores turmas são as do 6º ano, sendo a do 8º ano próxima do número de estudantes dos sextos anos. Essa última sendo a turma mais agitada das que estive. Serão turmas do 6º e 8º ano que vou me ater nesse relato de experiência, pensando na proximidade que tivemos durante esse período.

No geral, o quadro de professores da escola é composto por profissionais formados em suas respectivas áreas de atuação na escola. Todavia, também se

observa o contrário. Ou seja, de pelo menos um profissional da educação que atua em uma área diferente da sua formação acadêmica. A direção da escola é composta pela direção, coordenadores pedagógicos, secretário, funcionários administrativos, auxiliares gerais, apoio psicológico, merendeiras, porteiros e inspeção.

Foi diferente a minha volta para essa escola, agora em outra posição e detentor de uma outra visão, naturalmente necessária para a efetiva realização do estágio. Fui bem recebido por todos, principalmente pelo meu supervisor. Os estudantes logo demonstraram estranhamento, curiosidade e desejo de saber quem eu era e o que estava fazendo ali naquele ambiente com eles e o professor. Prontamente introduziu a minha participação, tecendo elogios como “presença especial”, me convidando para que eu me apresentasse de pé diante da turma. No contexto do estágio, pude notar algumas práticas e ausências que me fizeram questionar a validade do que eu achava sobre a atuação do meu supervisor. Sem sombra de dúvidas, a universidade transformou a minha visão acerca da educação, em especial, claro, a educação no contexto do ensino de história. Vi meu trabalho atravessado pela ideia e pelo sentimento que existia até então acerca do meu supervisor. Precisava fazer frente aquela situação e, então, recorri ao meu orientador, que me orientou sobre a crí-

tica com educação, respeitosa e necessária. Esse entendimento em relação a essa questão encontra espaço nas palavras de Araújo e Ribeiro (2017, p. 1732), onde o estágio deve significar: “[...] alcançar propostas que vise o fomento de atitudes críticas e construtivas frente a uma escola marcada pelo ativismo nem sempre pedagógico, pela busca contínua por resultados em detrimento da reflexão crítica sobre a prática docente”.

### **Análise e relatos das aulas**

47

O estágio teve início efetivamente no dia 10 de março de 2025, em uma segunda-feira, logo após o recesso de Carnaval, e findou-se no dia 08 de abril de 2025. Durante esse período, estive na escola semanalmente, participando das aulas nas segundas e terças, principalmente pela manhã. Em geral, eram aulas expositivas (tradicionais), onde se expunha o conteúdo através da cópia no quadro branco, os estudantes transcreviam no caderno e, logo após, o professor dava uma breve explicação sobre. Em seguida, era passado um exercício de cerca de 5 questões, onde os estudantes tinham que se basear na explicação dada pelo professor e no que tinha sido copiado no quadro e posteriormente no caderno, ou procurarem as respostas no livro didático de história. Geralmente, esse processo durava mais de 2 aulas. Nesse processo, existiram situações chave muito importantes para a minha

compreensão acerca da profissão docente, dos limites da atuação do professor, das contradições, do que precisa mudar e do potencial daquele espaço. Como mostram Araújo e Ribeiro (2017, p. 1726), “[...] antes de ser um ponto de chegada, é um ponto de partida para a produção de novos saberes a partir da arena escolar”.

Nesse íterim, foram trabalhados assuntos que estão presentes na BNCC, nessas unidades temáticas, são elas: História: tempo, espaço e formas de registros; A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades; A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano; Os processos de independência nas Américas. Todavia, a maioria das escolhas que o professor fez podem ter contribuído para um entendimento fragmentado e, além disso, insuficiente por parte dos estudantes. Não notei inovações didáticas, nem metodológicas, e o tipo do ensino privilegia mais o professor do que os discentes. No geral, percebi que os estudantes demoraram a absorver os conteúdos, uns mais e outros menos, e isso ficou muito evidente em uma das turmas do 6º, em uma explicação bastante simplificada sobre as divisões da pré-história, onde, já adiantando, não houve sequer uma problematização do termo, cujo entendimento remete ainda ao século XIX, que compreendia a história como sendo aquilo registrado através da escrita. Entendimento este já supera-

do pelas novas visões historiográficas, como mostram Araújo, Ribeiro e Nascimento (2021). Mas o fato é que o professor repetiu diversas vezes e usou exemplos práticos para que a compreensão por parte deles acontecesse, e muitos ainda não tinham compreendido.

Uma outra questão diz respeito à própria atuação desses estudantes no trato do livro didático de história, que ainda reproduzia aquele velho “copia e cola” nos exercícios desenvolvidos pelo professor e também por mim, a pedido dele, após a explicação de um conteúdo. Me coloquei à disposição para auxiliar nas respostas das perguntas, pois foi possível inferir a dificuldade existente entre os alunos de conseguir interpretar os textos na íntegra, onde se localizavam as respostas e, também, o que aquilo significava na prática. Os casos mais graves residiam, ao que parecia, nos que ainda não sabiam ler. Eram poucos, mas era uma realidade. De forma bastante transparente, querendo me situar na realidade escolar, o professor chamava minha atenção, de forma particular e às vezes discreta em meio às turmas, sobre essa e outras situações que relatei aqui. Sua visão ia no sentido de não culpabilizar os estudantes, nem as famílias, mas o sistema, que permitia que aquela realidade continuasse se reproduzindo. Uma das medidas adotadas por ele, que parece pouco, mas que demonstra sua preocupação nesse sentido, era fazer com que os discentes exercitassem sua

gramática através de uma simples abordagem. Sempre que algum deles pedia para ir ao banheiro e erravam a colocação, ele fazia justamente isso: você vai “ao” banheiro, e não “no” banheiro. Muitos acertavam, outros erravam, e ele sempre ressaltava essa questão quando achava necessário.

As turmas do 6º ano, com exceção de uma delas, que frequentei uma única vez, se constituíram, na minha percepção, como as mais participativas e interessadas no processo ensino-aprendizagem. A dimensão do afeto é uma outra característica dessas turmas, que me acolheram de uma forma muito mais próxima e curiosa que as demais. Fazendo um contraponto a Juliana Rodrigues de Souza (2011, p. 15) que, em seu TCC, baseado nos seus estágios, relata que “[...] a professora nos informou sobre o rendimento nas avaliações dos estudantes, limitando-se apenas a comentar sobre aqueles que estavam na média e eram a maioria na sala. Os demais, ou seja, aqueles que estavam abaixo da média eram marginalizados em suas falas.”. O meu supervisor não tentou minimizar os resultados obtidos nas avaliações realizadas em duas turmas, uma do 6º ano e outra do 8º ano. Foi enfático ao dizer: “no caso do 6º ano, que a maioria ‘passou’ não necessariamente por causa da prova, mas por ajudas externas, ou seja, pontos pelo caderno, estar em dia com as anotações do conteúdo, comprovado pelos vistos



dados. Foram poucos os que ficaram em recuperação, mas existe isso que acabei de relatar. No caso do 8º, a situação é ainda mais preocupante, já que apenas 2 pessoas conseguiram ser aprovadas. Ou seja, nem mesmo o caderno está em dia”.

O estudo da prática escolar não pode se restringir a um mero retrato do que se passa no seu cotidiano, mas deve envolver um processo de reconstrução dessa prática, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nela está presente (Marli André, 1995, p. 42).

Nesse sentido, pretendo me ater aqui apenas à dimensão do planejamento, pensando na experiência de Souza (2011), que pensa que

Quando realizamos uma previsão bem feita do que será realizado em sala de aula, melhoramos muito o aprendizado dos alunos, que demonstram maior interesse e aperfeiçoa a prática pedagógica do professor, deixando de ser um mero interceptador entre conteúdo do livro didático e o aluno (Souza, 2011, p. 22).

Na minha experiência de estágio, ficou subentendido que o professor não realizava de forma apropriada esse importante meio para uma melhor fluência das suas aulas, ficando muito a cargo do “piloto automático”, ocasionado, eu imagino, pelos anos de exercício de sua profissão, que acabou deixando-o, digamos, acomodado. Mas é imprescindível destacar o meu supervisor como uma figura carismática, amada e respei-

tada entre os seus. Com sua abordagem informal e tom ameno, ele percorria todo o espaço da sala em que estava. Mas não se enganem, quando julgava necessário, levantava a voz e falava sobre o quão desrespeitoso os estudantes estavam sendo, até comigo, com toda a dispersão que, por vezes, tomava conta das turmas; quando um estudante estava em ritmo descompassado e irrompia os ânimos; quando decidiam usar as suas aulas como ponte para terminar atividades de outras disciplinas.

Uma outra questão com a qual me defrontei, foi a recuperação das provas com nota inferior a 7,0. O professor optava por realizar uma nova prova no mesmo dia em que os estudantes recebiam a notícia da nota baixa. Eu preferiria reservar outro dia, tendo antes apontado os erros que os estudantes teriam cometido e incentivando-lhes a estudar. Ele parecia querer se afastar da ideia de responsabilidade que poderia ter no baixo retorno dos discentes nas provas. Nesse sentido, Souza (2011) questiona a validade dessa postura docente, que se abstém dos resultados ruins, mas quer tomar para si o reconhecimento dos bons frutos. Penso que existem diversos fatores que envolvem um bom resultado ou não de um estudante em uma prova, mas é sempre interessante que o professor reveja sua didática e postura pedagógica.

Nas palavras de Schmidt (1996), sobre a superação de modos retrógrados

de se produzir aulas de história

Os educandos poderiam adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado (Schmidt, 1996, p. 65).

## Considerações finais

Depois desse processo, tenho mais do que certeza que ser professor é um grande desafio. E essa jornada me fez ver na prática o que está para além do ato da presença da sala de aula, adentrando por caminhos que o docente às vezes só pode entrever ou ver, talvez nem isso. O universo escolar é misto, heterogêneo, pode nos deixar desamparados, mas essa experiência me fez, certamente, perceber que pode ser possível imaginar outras formas de estar e atuar nele, na transformação do horizonte histórico dos estudantes, do social. E essa aula de história, a partir da experiência desse estágio, das aulas teóricas também, pode compor o que Mattos (2007) chama atenção, que é a ideia de uma aula como texto, desvinculada daquela ideia onde só terceiros eram autores, e caberia aos professores a sua colocação em sala de aula:

De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de aula, também se faz história; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de história. Por lermos de um modo singular uma proposição, pode-

mos afirmar que também somos autores. Mas o fazemos não para afirmar uma semelhança, e sim para sublinhar a diferença que nos identifica (Mattos, 2007, p. 11).

Aprendi com o meu supervisor, durante esse período, que ser professor é uma construção que exige tempo e prática. Esses saberes docentes se constituíram como um objeto de muita admiração de minha parte. Fui introduzido na prática dos vistos no caderno, que exercitava desde antes de sonhar em ser professor, onde os estudantes se dirigiam a mim com seus cadernos, e aquilo me emocionou, eles tinham em mim alguém de valor, e isso foi muito significativo. Fui abraçado, aplaudido, chamado de professor tantas vezes que esqueci até os problemas que permeavam a minha vida naqueles instantes. Na aula que dei, sobre o processo de independência do Brasil, ainda que eu tenha, para mim mesmo e para o meu supervisor, dado conta de forma satisfatória do conteúdo propriamente dito, faltou mais envolvimento com os estudantes, faltou chegar mais próximo, motivar um envolvimento. Ficou claro que não basta apenas saber só sobre o conteúdo, a forma é ainda mais importante. E, sem ela, a aula não flui de forma tão prazerosa, nem para mim, regente naquele momento, nem em situações como professor propriamente, imagino. Citando Milanesi (2012), Araújo e Ribeiro (2017), nos dizem que “[...] o estágio, se bem realizado e compreendido, produzirá marcas significativas para o in-

gresso na profissão e contribuirá para a transformação da realidade escolar.”. Isso é perceptível para mim nessa minha jornada.

### Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995. p. 35-48.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FURTADO RIBEIRO, Luciana T.; ARAÚJO, Olavo H. A. O estágio supervisionado: fios, desafios, movimentos e possibilidades de formação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1721–1735, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n.3.2017.10280>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10280>. Acesso em: 8 maio 2025.

MATTOS, Ilmar R. “Mas não somente assim!”: leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. **Tempo**, v. 21, n. 2, p. 5–16, jun. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042006000200002>. Acesso em: 8 maio 2025.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: ENCONTRO DE PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 2., 1996, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CEMAP/USP, 1996. p. 54-66.

SOUZA, Juliana Rodrigues de. **Relatório de estágio supervisionado em história**: experiências de sala de aula. 2011. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.